O DIÁLOGO ENTRE TEXTO E LEITOR NO UNIVERSO AFRICANO DE MIA COUTO

THE DIALOGUE BETWEEN TEXT AND READER IN THE AFRICAN UNIVERSE OF MIA COUTO

Ilse Maria da Rosa Vivian[1]

RESUMO: *O romance, enquanto fenômeno que engloba as potencialidades do real e as possibilidades da ficção, torna-se, inegavelmente, um campo aberto ao conhecimento do homem e suas formulações sobre si mesmo e seu lugar no mundo. Tratar da personagem como entidade que se sustenta pela produção discursiva, considerando que isso significa contemplar as suas diversas linguagens no âmbito das transformações histórico-culturais e suas oscilações ideológicas, pressupõe determinadas posições em relação ao texto literário, campo em que coexistem e convivem diferentes cosmovisões a respeito da constituição do homem e do mundo contemporâneo. Tendo em vista a relação texto e leitor, com base no conceito de escritura, de Roland Barthes, e pensando nos contextos apresentados nos romances de Mia Couto, sistematizo algumas considerações de teor conceitual a respeito dos possíveis estranhamentos gerados pelo confronto entre universos de distintas condições culturais e suas implicações na leitura do texto literário.*

Palavras-chave: *Narrativa. Texto. Leitor. Mia Couto.*

Nos últimos anos, os estudos referentes às questões identitárias têm-me feito pensar sobre a forma como se realiza a leitura no âmbito da narrativa ficcional. De acordo com as palavras de Italo Calvino, só é possível compreender a dimensão que assume o estudo da literatura na relação estreita e direta que a literatura mantém com o mundo. Assim, tratar do problema da personagem é

> uma discussão que, se para alguns pode parecer ociosa, sempre será cara, ao contrário, aos que não separam seus interesses literários de toda a complexa rede de relações que liga entre si os diversos interesses humanos. Porque entre as possibilidades que se abrem para a literatura agir na história, esta é a mais sua, talvez a única a não ser ilusória: compreender que tipo de homem ela, história, com seu labor múltiplo, contraditório, está preparando o campo de batalha, e ditar-lhe a sensibilidade, o impulso moral, o peso da palavra, a maneira como ele, homem, deverá olhar à sua volta o mundo; aquelas coisas, enfim, que somente a poesia – e não, por exemplo, a filosofia ou a política – pode ensinar. (CALVINO, 2006, p. 09)

[1] Doutora em Letras- Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Professora do Mestrado em Letras da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI. E-mail: ilsevivian@hotmail.com

Revista *Literatura em Debate*, v. 9, n. 17, p. 284 - 295, dez. 2015. Recebido em: 21/09/2015. Aceito em: 20/12/2015

A primeira noção que deve ser ressaltada ao se tratar da relação entre texto ficcional e leitor diz respeito ao lugar a partir do qual me enuncio, tendo em vista o processo de leitura e escrita que aqui se realiza. Em conformidade com o que expressa Roland Barthes (2004, p.15), penso que não exista sujeito que preexista ao texto, mas uma dinâmica de criação, simultânea, ativa entre texto e leitor, da qual se originam outros textos. Isso significa afirmar que só há leitura quando leitor e texto entram em diálogo, numa relação que implica sempre temporalidades e historicidades distintas. Conforme Hans-Georg Gadamer, a compreensão de um texto pressupõe

> [...] a posição do intérprete no tempo, no lugar e nas concepções do mundo [...]. A compreensão do texto que, na sua interpretação passa pela mediação da língua, não é uma criação autónoma que seria independente do original. [...] Distinta da ―recitação‖, que não visaria senão restituir o original, a leitura não assenta por isso em si mesma: ela não é uma realização autónoma de um modelo pensado, permanece, ao contrário, subordinada ao texto que reaviva no seu processo. A leitura é ―ultrapassada na leitura do texto. (GADAMER, 1998, p.09)

Essa noção determina uma posição em relação à linguagem. Ela não é a mediação instrumental entre o texto que analiso e o que escrevo. Proponho, com meu texto, a aproximação do que Barthes (2004, p.10) chama de escritura – a escrita que surge da relação entre texto literário e leitor –, que se inscreve como prática que possibilita o autoconhecimento e a autocrítica da linguagem, respeitando as infinitudes do texto que se lê e do que se está a escrever, momento também constitutivo do fazer literário, pois

> assim se desvenda o ser total da escritura: um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo [...]; mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, [...]o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino [...] o texto mantém-se na linguagem: ele só existe tomado num discurso. (BARTHES, 2004, p.64-67)

A escritura nasce, então, no interior do espaço que se estabelece pelo cruzamento da situação histórica e cultural do leitor e do texto. Está implícito nessa relação o fato de que a linguagem – não sendo mero instrumento operatório de um *logos*, pelo contrário, é justamente fulcro de nossa atividade – nunca é neutra. A escritura constitui-se, nesse sentido, através da relação ética que se mantém com os diversos textos, como opções políticas.

Deriva, ainda, a partir do exposto, outra noção: a escritura é desabrigada da concepção de totalidade, ou seja, vai de encontro ao movimento histórico que sempre teve como intenção "confirmar a escritura numa função segunda e instrumental: tradutora de uma fala plena e presente (presente a si, a seu significado, ao outro [...]), intérprete de uma fala originária que nela mesma se subtrairia à interpretação" (DERRIDA, 2011, p.09).

É certo que, segundo essa abordagem do texto, nascem tensões, uma vez que tanto o texto como o leitor, entidades históricas, carregam em si uma tradição. Os conflitos surgem quando, numa primeira leitura, confronto-me com um universo de significados estranhos à minha condição, como aqui, nesse caso, o universo africano. No entanto, precisamente a partir desse problema, proposto pela pluralidade cultural que a situação provoca, originam-se os sentidos mais essenciais do texto, pois é através dos afrontamentos a uma tradição histórica que se é levado ao desafio da crítica. Nessa perspectiva, Hans-Georg Gadamer afirma que

> todo o reencontro significa a ―suspensão‖ dos meus preconceitos, quer seja o reencontro de uma pessoa da qual aprendo a minha natureza e os meus limites, ou o de uma obra de arte, ou o de um texto. [...] Toda a experiência é afrontamento porque ela opõe o novo ao antigo e nunca sabemos, em princípio, se o novo prevalecerá, isto é, se se tornará verdadeiramente uma experiência, ou se o antigo, familiar e previsível, recuperará finalmente a sua consistência. (GADAMER, 1998, p.13-14)

Na atividade da escritura, toda enunciação pressupõe a interação entre distintas historicidades. Tal posição significa afastar-se de verdades instituídas ou formalizações vazias de um sistema totalizante em prol das exigências heterogêneas do texto e do leitor, privilegiando o código das linguagens excêntricas. Essas concepções de linguagem, de leitura e de texto preveem, assim, a interpretação como processo de proposições existenciais, na medida em que a escritura se constitui como lugar de efetivo contato entre diferentes sujeitos e múltiplos e distintos universos.

A expectativa que o leitor mantém em relação ao texto ficcional é antes a de conhecer, e tal intenção tem sempre como ponto de partida o desejo de percepção de um horizonte diferente do conhecido. Dessa forma, o que a leitura implica não é "a intenção de outro sujeito, presumivelmente escondido por trás do texto, mas o projeto de um mundo, a proposição de um modo de ser no mundo, que o texto desvela diante de si mesmo" (RICOEUR, 2011, p.131).

A noção de escritura fundamenta-se plenamente quando observo a natureza da produção literária atual. A narrativa contemporânea se caracteriza, sobretudo, pelas estratégias de subversão, de inversão e reconstrução de sentidos produzidos pela tradição cultural. Os referenciais tradicionais, antigos valores morais e éticos, são abalados pelas transformações tecnológicas, econômicas e culturais desenvolvidas na contemporaneidade. Isso determina profundas mudanças na estrutura dos indivíduos e, consequentemente, nas formas de percepção do mundo: tudo é revisto.

Nesse amplo cenário de transformações, ao desmitificar o que era considerado oficial ou natural, a ficção apresenta-se como espaço de novas e múltiplas visões, permitindo distintas interpretações acerca do passado que abalam concepções tidas, por muito tempo, como estáveis e absolutas. Se é que há como classificar a literatura produzida por Mia Couto num determinado contexto, é preciso considerá-la a partir de todo esse processo ocorrido nos últimos séculos no mundo todo, sem perder de vista as singularidades que a caracterizam por pertencer a um espaço social e cultural bem específico, que é o universo africano.

De acordo com Ricoeur, a exteriorização do discurso literário somente atinge sua justificação plena pela apropriação do texto por parte do intérprete, processo que decorre "da necessidade geral de fazer nosso o que nos é estranho" (RICOEUR, 2011, p.64). Dessa forma, a distância cultural existente entre leitor e texto é o motivo que, ao mesmo tempo, os aproxima e os distancia. É precisamente através dessa luta cultural, ou, tal como denomina Ricoeur, pela dialética da distanciação e da apropriação, que se originam novos modos de ser, ou seja, que a literatura mostra seu sentido último:

> a distância não é, pois simplesmente um facto, um dado, o efectivo hiato espacial e temporal entre nós e o aparecimento de tal e tal obra de arte ou de discurso. É um traço dialéctico, o princípio de uma luta entre a alteridade, que transforma toda a distância espacial e temporal em alienação cultural, extensão da autocompreensão. [...] é a contrapartida dinâmica da nossa necessidade, do nosso interesse e esforço em superar a alienação cultural. Escrever e ler tomam lugar nessa luta cultural. A leitura é o pharmacon, o pelo qual a significação do texto é do estranhamento da distanciação e posta numa nova proximidade, proximidade que suprime e preserva a distância cultural e inclui a alteridade na ipseidade. (RICOEUR, 2011, p.64; grifos do autor)

As relações entre tradições sempre suscitarão problemas; entretanto, como objeto singular que se abre a várias leituras, o texto literário consiste no espaço onde, estabelecendo uma relação dialógica a partir das diferenças, projeta novos significados e

pode atualizar sentidos. O discurso literário pressupõe diretamente a instância receptiva como fator decisivo do ato discursivo proposto pela linguagem literária.

A obra de Mia Couto[2] relaciona-se com o contexto dos processos de colonização e descolonização sofridos pela África. A textualidade surgida no período colonial ou após a independência política dos países africanos constitui-se por especificidades que, embora em parte apresentem traços semelhantes ao contexto aludido por Bhabha (1998), quando ilustra o cenário da pós-modernidade, devem ser mais de perto focadas, para evitar uma visão unilateral e ocidentalizada no que diz respeito a fenômenos que são de ordem interna e bem particulares. Com referência às mediações existentes entre a África e o Ocidente, ao tratar sobre as diferenças constitutivas das identidades em processo, em fala dirigida ao público de um Simpósio no Rio de Janeiro, Rita Chaves observa:

> A ideia que dá corpo a esse evento traz em si a marca da ambiguidade e, num primeiro momento, pode provocar um pequeno susto aos que vêm lidando com as questões africanas e se habituaram, até por estratégia, a ver na África um espaço em que as matrizes se associam à pureza. E, é preciso que se diga, não se trata de uma atitude gratuita, pois na realidade todo movimento de aproximação do Ocidente com a África tem sido mediado pela violência e no sentido da diluição de suas referências. (CHAVES, 2005, p.247)

Ao se olhar de fora o contexto africano, portanto, os perigos são muitos, uma vez que as estruturas de pensamento ocidentais têm suas raízes muito bem plantadas e suficientemente regadas a ponto de manter por tantos séculos referenciais tão fixos do que significa cultura e poder. Entretanto, pela justaposição de experiências entre texto e leitor, colocando-as sob o convívio, com a acentuação e a exposição das diferenças, pela atividade interpretativa, as relevâncias culturais são realçadas.

No processo interpretativo, considero que a divergência, a assimilação, a rejeição ou até o esquecimento são características consequentes da efetiva fluência da leitura que não prescinde do conhecimento. Nesse âmbito, procurar ignorar as diferenças significa ignorar a condição do outro, ou seja, desprezar qualquer universo que seja alheio ao meu. Por outro lado, bem como observa Said:

[2] Desde a publicação do seu primeiro livro, o autor iniciou uma ininterrupta produção artística que integra, entre outros gêneros, os seguintes romances: *Terra sonâmbula*(1992), *A varanda do frangipani*(1996), *Vinte e zinco* (1999), *Mar me quer* (2000), *O Último voo do flamingo* (2000), *O gato e o escuro* (2001), *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2002), *A Chuva pasmada* (2004), *O outro pé da sereia* (2006), *O beijo da palavrinha* (2008), *Venenos de deus, remédios do diabo* (2008), *Jesusalém*(2009), que, no Brasil, leva o título *Antes de nascer o mundo*; *A confissão da leoa* (2012).

> Se concordamos com Gramsci que uma vocação intelectual é socialmente possível e desejável, então há uma contradição inaceitável em construir ao mesmo tempo análises da experiência histórica a partir de exclusões, as quais estipulam, por exemplo, que apenas as mulheres são capazes de entender a experiência feminina, apenas os judeus podem entender o sofrimento dos judeus, apenas ex-súditos coloniais podem entender a experiência colonial. (SAID, 2011, p.74).

Por outro lado, é preciso ser sensível às especificidades de outrem. O panorama africano é resultado do longo processo de incomunicabilidade imposto pelo colonialismo, cuja política consistia em, mais do que apagar as culturas locais, fomentar a distância de qualquer outra civilização, abismo construído de forma suficientemente profunda a ponto de poderem ser vistas suas consequências até os dias de hoje. As fendas impostas pelo colonialismo intensificaram no interior do continente as diferenças de caráter étnico, linguístico e racial, inviabilizando muitas das tentativas posteriores de construção de uma unidade nacional. Tendo em vista esse contexto, Chaves, com razão, adverte que

> Mergulhar na história dos povos africanos é perceber a sucessão de impasses que enfrentaram e observar que, no conjunto das relações ali processadas, as cores da violência tingem o desenho da contradição que é, afinal, a marca essencial de sua existência. No palco da colonização, os confrontos entre dois universos culturais, entre dois modos de ver e estar no mundo, foram constantes e assumiram, muitas vezes, a forma de conflito. (CHAVES, 2005, p.248)

Nesse ponto, é preciso distinguir que, quando me refiro à narrativa de Mia Couto, trato do que concerne à África de língua portuguesa, ou, mais ainda, às especificidades de Moçambique, país de origem do escritor. São muitas Áfricas. E todas são construídas sobre as bases de uma forte tradição oral, de diversidades linguísticas e culturais, como se vê no campo literário pelos textos de Luandino Vieira, José Craveirinha e outros escritores africanos que, mesmo no período colonial, já denotam o sentido das distintas formas de representação, apropriação e apreciação da língua e suas transformações no amplo contexto dos movimentos identitários, que se encontra em pleno processo de construção.

O imaginário cultural dos escritores africanos implica, assim, a interdiscursividade de vários sistemas e gêneros. Matrizes literárias, arquétipos, símbolos e outras estruturas do imaginário, bem como matrizes não literárias, crenças, cerimônias religiosas e rituais são chamados à mente do leitor, devido à imbricação entre as fortes raízes da tradição oral e a disseminação e institucionalização da língua oficial no contexto africano. A tudo isso se

associa, em convivência, o desenvolvimento da cultura do mundo moderno com todas as suas propriedades e diferentes facetas, econômicas, sociais e culturais. Esse repertório cultural, na obra coutiana, é assinalado pela visão crítica que se desvela e se multiplica na imagem da personagem, cuja alteridade expressa pela composição do eu as inconciliáveis e fragilizadas identidades coletivas.

A opção pelo gênero conto ou por outras formas curtas de expressão, como a carta ou a recorrência constante ao diálogo, encontrados na poética coutiana, são estratégias de expressão referentes ao sistema da oralidade que, no romance, dialogam com outros sistemas da realidade humana. As literaturas africanas envolvem, dessa forma, complexos processos culturais que estão em formação e precisam ser considerados, tendo em vista os diferentes tipos de recepção, como afirma Ana Mafalda Leite, ao tomar como exemplo a obra de Mia Couto:

> Mia Couto, ao mesmo tempo em que se submete a uma tradição dúplice, em que o sistema literário se cruza com outros sistemas culturais, numa relação nterdiscursiva, está em simultâneo a criar essa tradição em termos prospectivos, deixando antever outras concretizações afins. (...) Ora, todo o acto discursivo está submetido, mais ou menos fortemente, às recontextualizações que as situações de recepção posteriores provocam nele, e através das quais é reactivado. Deste modo, a escolha dos géneros, no caso do escritor Mia Couto, funciona como um filtro, *como um modelo interpretativo* da realidade da sua sociedade, quer no plano temático, quer no formal, sugerindo-lhe a adopção de certos temas ou personagens. Tais escolhas têm como material plástico uma língua que, convém mais uma vez lembrar, foi anteriormente de opressão, mas agora é uma língua liberta e potencialmente híbrida. (LEITE, 2003, p.57; grifo da autora)

Inocência Mata (2007, p.25), em *A literatura africana e a crítica pós-colonial*, obra que discute a legitimidade do discurso crítico ocidental sobre as literaturas africanas, afirma que o contexto dessa literatura, marcado pelas suas ambiguidades e discrepâncias sociais e culturais, apresenta, por um lado, especificidades que devem ser tratadas na sua diferença e, por outro, condições que não são exclusivas do universo africano, pois "o que muda na substância das seguintes terminologias: 'o terceiro mundo', 'países subdesenvolvidos' ou 'países em vias de desenvolvimento'?" Não é gratuito que, ao pensar sobre a abordagem do texto literário africano e o conhecimento que lhe é subjacente, Inocência Mata, citando obra de Mia Couto, considera que é preciso

> dar ênfase à afirmação da diferença identitária (colectiva e individual, segmental ou grupal), tornando visível a produção da subjetividade como em – agora recorrendo ao exemplo moçambicano – *A varanda do frangipani*, e privilegiar o

> reconhecimento das 'subjectividades marginalizadas' da História, na expressão de George Yúdice.(MATA, 2007, p.21)

Conforme o especialista em Literaturas Africanas, Pires Laranjeira (1995, p.314), as subversões sintáticas, a inventividade lexical, bem como toda exploração das potencialidades estruturais da língua são características que associam os escritores colonizados, terceiro-mundistas, os quais "procuram afirmar uma diferença linguística e literária no interior da língua do colonizador, na esteira de James Joyce (irlandês), João Guimarães Rosa (brasileiro), KatebYacine (argelino) ou José Luandino Vieira (angolano)."

A inventividade de Mia Couto, entretanto, produz efeitos que extrapolam a intenção de afirmação de diferenças linguísticas ou culturais. As narrativas apresentam, além do aspecto social que, de forma aproximada, podemos considerar de cunho realista, um universo onírico próprio a cada personagem, o qual se concretiza como amplo imaginário cultural. As tradições ancestrais, a comunidade, a natureza, a guerra, a modernidade, tudo chega ao leitor da perspectiva íntima da personagem.

Essa característica pode ser vista como relevante recurso, que age duplamente sobre o leitor: ao mesmo tempo em que se apresenta com detalhes o imaginário cultural africano nas suas diversas facetas e contradições, desvela-se a personagem a partir da condição dinâmica que rege a sua existência, levando o leitor, a partir da pluralidade com que se oferece o universo íntimo da personagem, a ser imediatamente cúmplice no processo de criação.

Os romances da atualidade que apresentam a forma testemunhal de certo modo dão continuidade e intensificam a "atomização do real" desenvolvida pelo romance de consciência, caracterizado pelos movimentos de desdobramento da consciência e também pela recusa em catalogar a imagem do homem como expressão durável, una e absoluta.

Entretanto, em contraposição à dispersão do olhar relativista da personagem moderna, que tem sua percepção desdobrada pelas associações e pelas interrupções de contato com o mundo, aparece, com a articulação da memória, o ser reflexivo que, pela condição dialética do ato narrativo, torna-se passível dos deslocamentos provocados pela lembrança e, consequentemente, da irrupção da alteridade como forma de se recriar no mundo.

A personagem dos romances coutianos, dilacerada pela condição temporal de ser no mundo, cuja alteridade se compõe como produto da intersubjetividade de modo a reunir os fragmentos da experiência, não deixa de ser, assim, uma resposta à racionalidade

da personagem construída sob a visão determinista do século XIX e aos perigos de desrealização da pessoa com a anulação de suas capacidades, como proposto pela teoria de Michel Zéraffa (2010) ao se referir ao romance de consciência do século XX.

A observação da constituição do eu pela construção da personagem, tendo em vista o horizonte de composição da imagem do ser pelo leitor, pede uma abordagem teórica condizente com a dinâmica da práxis narrativa, cujo fenômeno origina a personagem pela configuração dialética do ato narrativo. Considerando que o eu, tomado como centro do fenômeno da leitura, só pode ser desvelado como processo que se realiza na configuração pela temporalização que surge em nome da dimensão subjetiva, a efetiva construção narrativa pela leitura só pode acontecer pela interação entre o domínio do mundo real e suas qualificações éticas e o domínio do mundo imaginário e suas qualificações estéticas.

Em *Terra sonâmbula*, por exemplo, a eliminação da hierarquia entre as vozes projetada pela estrutura narrativa apresenta seus efeitos tanto na composição da personagem, ao nível da diegese, como também sobre a atividade do leitor. Com a justaposição de duas histórias, separadas capítulo a capítulo de forma subsequente, mas interdependentes em nível semântico, são colocadas em diálogo as duas narrativas com a mediação do leitor. Essa estrutura, eliminando as fronteiras entre o primeiro plano narrativo e a metanarrativa dos cadernos, dilui a autoridade do narrador e institui o diálogo entre todas as vozes. Tal procedimento coloca a alteridade como componente central do processo de constituição do eu.

A construção temporal do romance é arquitetada de modo a realçar as temporalidades próprias de cada personagem. Estas aparecem pela necessidade de subversão do tempo comum. Como alternativa à opressão do mundo, Muidinga, por meio da leitura dos cadernos, projeta-se pelas memórias de Kindzu. Perante o testemunho, com o apagamento do tempo sucessivo e eterno, Muidinga questiona a própria identidade, rompendo, assim, a estaticidade do presente.

A revisitação do passado, que se abre pelo testemunho de Kindzu, amplifica o interior da personagem, fazendo aparecer tanto as nuances da expressão psicológica da pessoa, bem como toda experiência social e cultural do passado. Mas mais do que isso, o entrecruzamento temporal concretizado pela alteridade com que se formam as figuras de Muidinga e Kindzu realiza a diluição gradual dos limites do que se concebe como realidade

e imaginação. A memória, aos poucos, liberta-se dos valores referenciais absolutos do mundo lógico e ganha forma pela poética das imagens.

A desfixidez que caracteriza as personagens Muidinga e Kindzu, alternando-se entre a experiência do mundo e a vivência da lembrança, é intensificada pela interposição de outros relatos de vida. Pela experiência do outro, lhes são reveladas as próprias capacidades. Portanto, no conjunto da rede de intersubjetividades que se forma, a personagem revela-se pela experiência de recriar a própria vida a partir da vivência do outro. Nesse sentido, fica claro que a memória se ampara mais nas ações imaginativas do que na revisão ou reconstrução do passado. A identidade pessoal só pode ser alcançada por meio da alteridade. A constituição do eu iguala-se, assim, à dialética do seu percurso formada pela dupla atividade da memória que, ao se orientar para o passado, projeta no futuro o reconhecimento de si mesmo.

Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra,* a fragmentação de Mariano, cuja imagem aparece pela decadência e ruína do mundo, dividido entre o desmoronamento das verdades de uma longa tradição e a precariedade do presente, é intensificada pela dúvida que lhe suscita o não reconhecimento das suas origens. A crise de identidade leva-o à vivência do outro. A imagem da personagem é construída pela simbologia que confronta à imensidão do mundo a profundidade interior do ser.

Como alternativa ao abismo que se forma entre Mariano e o mundo, aparece-lhe, sob o signo das cartas, a voz do Avô. É pela experiência imaginativa da memória, aberta pela dúvida sobre a própria identidade e pela origem das cartas, que se concretiza na narrativa o amplo imaginário cultural. A busca de certezas leva Mariano a conhecer a intimidade de cada um dos Malilanes, compondo-se no grande plano de intersubjetividades. A interferência da memória, cuja atividade realiza o apagamento das certezas sobre os limiares entre o eu e o outro e entre o mundo objetivo e o universo onírico, é, então, o elemento que aparece como solução e requisito da verdade própria do ser. O leitor é chamado à solução dos diversos impasses vividos pelo sujeito.

A revelação da personagem se dá pelos intervalos entre a vivência na Ilha, os sonhos, o pensamento, os devaneios e as lembranças. A potência de que se reveste a memória estrutura-se pelos prolongamentos estabelecidos entre o real e o imaginário. Pelo testemunho do Avô, Mariano desvenda o passado. O conhecimento adquirido da tradição leva a personagem à reordenação do seu universo. Nesse movimento, a constituição do eu aparece pela mescla das marcas individuais e coletivas. Novamente, pela composição

da memória, evidencia-se o esmaecimento dos limites entre realidade e imaginação e entre emoção e razão, ficando a critério do leitor a articulação da experiência.

A leitura analítica dos dois romances revela, portanto, a constituição do eu pela poética da memória. Essa só tem sua configuração última pela ação do leitor. A configuração narrativa, articulada pelas aporias da memória, faz da personagem o principal suporte de expressão da experiência temporal de *ser* no mundo. O romance é posto, assim, a serviço da expressão da singularidade humana. A imagem do ser ficcional que se erige pela construção da personagem constitui-se como paradigma da memória dita oficial ou histórica. Enquanto aspecto de ressonância da consciência, a memória é o componente estratégico fundamental para a construção da verdade da personagem, isto é, a memória é o constituinte que realiza a atestação da existência do ser junto ao leitor.

ABSTRACT: The novel, as a phenomenon that encompasses the real potentialities and possibilities of fiction becomes undeniably an open field to the knowledge of man and his formulations about yourself and your place in the world. Treat the character as an entity that is sustained by the discursive production, considering that it means contemplating their different languages within the historical-cultural changes and their ideological swings, assumes certain positions in relation to the literary text field in which coexist and live together different worldviews about the constitution of man and the contemporary world. In view of the relation between text and reader, and based on the concept of writing of Roland Barthes, thinking the contexts presented in the novels of Mia Couto, systematized some conceptual content considerations about the possible strangeness generated by the clash between universes of different cultural conditions and its implications on the reading of literary texts.
KEYWORDS: Narrative. Text. Reader. Mia Couto.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O rumor da língua.** Trad. Mario Laranjeira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CALVINO, Italo. **Assunto encerrado: discurso sobre literatura e sociedade.** Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra.** São Paulo: Companhia das letras, 2003.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula.** São Paulo: Companhia das letras, 2007.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia.** Trad. Miriam Chnaiderman, Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GADAMER, Hans-George. **O problema da consciência histórica.** Trad. Anselmo Freitas, Luísa M. Ferreira. Porto: Estratégias Criativas, 1998.

LARANJEIRA, José Luís Pires. **Literaturas africanas de expressão portuguesa.** Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas africanas e formulações pós-coloniais.** Lisboa: Colibri, 2003.

MATA, Inocência. **A literatura africana e a crítica pós-colonial.** Luanda: Editorial Nzila, 2007.

RICOEUR, Paul. Teoria da interpretação. **O discurso e o excesso de significação.** Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2011.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo.** Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ZÉRAFFA, Michel. **Pessoa e personagem**: o romanesco dos anos 1920 aos anos de 1950. Trad. Luiz João Gaia e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2010.

Revista *Literatura em Debate*, v. 9, n. 17, p. 284 - 295, dez. 2015. Recebido em: 21/09/2015. Aceito em: 20/12/2015